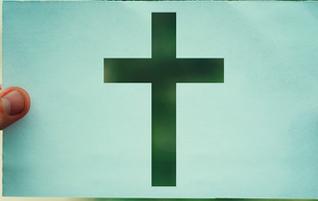
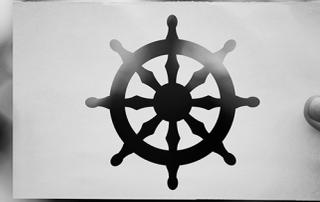


Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho
(Organizadores)



Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2

Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho
(Organizadores)



Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliãni Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T314 Teologia e ciência da religião: agenda para discussão 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Vanessa Alves Pereira, Sonellaine de Carvalho. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-541-9

DOI 10.22533/at.ed.419202810

1. Teologia. 2. Ciência. 3. Religião. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Pereira, Vanessa Alves (Organizadora). III. Carvalho, Sonellaine de (Organizadora). IV. Título.

CDD 215

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O momento em que vivemos, marcado pela primeira onda mundial do COVID-19 tem levado muitas pessoas a refletirem sobre a vida. O diálogo religioso tem sido, nesses momentos difíceis acalento para muitas pessoas. Mesmo, sabendo que historicamente as Ciências da Religião e a Teologia, possuem identidades e trajetórias próprias, porém, não indiferentes entre si, arriscamos dizer que nesse contexto abstruso, através da “fé e da razão” vêm colaborando na religiosidade das pessoas. No discurso teológico de São Tomás de Aquino a “fé e a razão” aparecem como valores intrincados com o conhecer da verdade, e nos contextos de hoje, marcado pelo isolamento social, o conhecer nos leva a verdade do outro e a verdade sobre nós mesmos. Reflexões sobre a vida, o ser humano, a morte, o sagrado têm sido perenes nesse período de isolamento.

Um dos caminhos utilizados pelas pessoas nesse contexto pandêmico, é o da leitura. Uma boa leitura, sempre fez bem ao corpo e a alma. A partir dessas premissas apresentamos a obra - **Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2** -. Uma obra com 11 textos diversificados, oriundos de pesquisas, investigações de vários autores e de vários contextos. Tais elementos, tornam esta obra rica em reflexão gravitando em eixos como (Bíblia Hebraica, Confessionalidade, Congar, Eclesiologia, Gênero. Morte, Narrativas Bíblicas, Paradigmas, Peregrinos, Preservação, Religião, Santo, Tempos, Teologia, Tolerância. Xintoísmo, etc.) cujos diálogos ora perpassam pelos liames das Ciências da Religião, ora pela Teologia. Deixamos aqui o convite, para leiam e apreciem a obra.

Marcelo Máximo Purificação
Vanessa Alves Pereira
Sonellaine de Carvalho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A IMAGEM FEMININA NA ASSEMBLEIA DE DEUS – MISSÕES: UM PANORAMA DE COMO QUADROS TEÓRICOS PERMITEM COMPREENDER POSSÍVEIS TENSÕES ENTRE AS CONSTRUÇÕES DE GÊNERO ASSOCIADAS AO FEMININO	
Ana Luíza Gouvêa Neto	
DOI 10.22533/at.ed.4192028101	
CAPÍTULO 2	13
A LITERATURA INFANTIL AFRICANA: ROMPENDO COM A CULTURA HEGEMÔNICA	
Mônica Abud Perez de Cerqueira Luz	
DOI 10.22533/at.ed.4192028102	
CAPÍTULO 3	28
A PRÁTICA RELIGIOSA E A MORTE NA MEMÓRIA DOS IMIGRANTES JAPONÊSES	
Tomoko Kimura Gaudioso	
André Luis Ramos Soares	
DOI 10.22533/at.ed.4192028103	
CAPÍTULO 4	41
A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO RELIGIOSO: UM OLHAR SOBRE A MANUTENÇÃO E/OU RESTAURAÇÃO DA IGREJA SÃO TIAGO MAIOR DE LÂNDANA (CABINDA/ANGOLA)	
Joaquim Paka Massanga	
DOI 10.22533/at.ed.4192028104	
CAPÍTULO 5	54
A REPRESENTAÇÃO ARTÍSTICO-LITERÁRIA DA MADEIRA DE ACÁCIA NO ÂMBITO DAS LOCAÇÕES CÊNICAS DAS NARRATIVAS BÍBLICAS	
Petterson Brey	
DOI 10.22533/at.ed.4192028105	
CAPÍTULO 6	63
A SERVIÇO DO QUE SE MOVE: A TRADIÇÃO CAMBIANTE DA FESTA DOS SANTOS PEREGRINOS	
Andiara Barbosa Neder	
DOI 10.22533/at.ed.4192028106	
CAPÍTULO 7	77
AS MISSÕES PROTESTANTES NA AMÉRICA LATINA E SEU IDEÁRIO POLÍTICO	
Dora Deise Stephan Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.4192028107	

CAPÍTULO 8.....	90
O PARADIGMA TRADICIONAL DO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM: O DESAFIO DA DOCÊNCIA TEOLÓGICA CONFSSIONAL	
Davi Marreiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.4192028108	
CAPÍTULO 9.....	102
PARALELO ENTRE O PENSAMENTO DE YVES CONGAR E OS DOCUMENTOS DA CONFERÊNCIA EPISCOPAL LATINO-AMERICANA EM MEDELLIN: SUA RELAÇÃO COM A <i>LUMEN GENTIUM</i> E GAUDIUM ET SPES DO CONCÍLIO VATICANO II	
Ailton Bento Araruna	
Edilberto Cavalcante Reis	
DOI 10.22533/at.ed.4192028109	
CAPÍTULO 10.....	109
RELIGIÃO E LIBERDADE DE EXPRESSÃO NO ESPAÇO PÚBLICO CONTEMPORÂNEO	
Sérgio Murilo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.41920281010	
CAPÍTULO 11.....	119
SINAIS DOS TEMPOS EM “TEMPOS LÍQUIDOS”: DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI	
Ademilson Tadeu Quirino	
Ligja Maria dos Reis Matos	
DOI 10.22533/at.ed.41920281011	
SOBRE OS ORGANIZADORES	135
ÍNDICE REMISSIVO.....	137

CAPÍTULO 3

A PRÁTICA RELIGIOSA E A MORTE NA MEMÓRIA DOS IMIGRANTES JAPONÊSES

Data de aceite: 27/10/2020

Data de submissão: 28/07/2020

Tomoko Kimura Gaudioso

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Memorial da Imigração e Cultura Japonesa da
UFRGS
Porto Alegre – RS
<http://lattes.cnpq.br/4704993539914573>

André Luis Ramos Soares

Universidade Federal de Santa Maria
Santa Maria – RS
<http://lattes.cnpq.br/4984779171371127>

RESUMO: O povo japonês, desde sua formação, baseava a sua crença religiosa no xintoísmo. Sendo essa religião de cunho politeísta, as religiões estrangeiras como budismo e cristianismo também passaram a ser aceitas. Os imigrantes japoneses que chegaram ao Brasil trouxeram essas práticas religiosas como uma ferramenta para criar elo com os antepassados deixados na terra natal. Esses imigrantes continuam a reproduzir as práticas sociais ligadas à religião, como culto ligado a morte. A cerimônia fúnebre e o culto em homenagem aos antepassados peculiares da cultura japonesa também são observados nas comunidades japonesas. Neste capítulo, apresentaremos as formas pelos quais as práticas religiosas se manifestam na comunidade de imigrantes. Mostraremos que a manifestação religiosa que envolve a vida e a morte é mais um espaço de

resgate da prática social, extrapolando o âmbito da crença religiosa.

PALAVRA-CHAVE: Morte; imigração japonesa; religião; xintoísmo; budismo japonês.

RELIGIOUS PRACTICE AND DEATH IN THE MEMORY OF JAPANESE IMMIGRANTS

ABSTRACT: The Japanese people, since its formation, based its religious beliefs on Shinto. Being a polytheistic religion, foreign religions such as Buddhism and Christianity also came to be accepted. The Japanese immigrants who arrived in Brazil brought these religious practices as tools to create a link with the ancestors left in their homeland. These immigrants continue to reproduce social practices linked to religion, an example being a cult linked to death. The funeral ceremony and worshipping of ancestors, peculiar to the Japanese culture, are also observed in Japanese communities. In this chapter, we will present the ways in which religious practices are manifested in the immigrant community. We will show that the religious manifestation that involves life and death is another space to rescue social practice, going beyond the scope of religious belief.

KEYWORDS: Death; Japanese immigration; religion; shinto; japanese Buddhism.

1 | INTRODUÇÃO

O povo japonês, desde os tempos remotos acreditava na existência de deuses. Assim, quando esses habitantes do arquipélago

japonês se organizaram como uma sociedade em torno da figura do imperador, tomaram a mitologia para legitimarem o poder do líder supremo e protetor. Este artigo pretende apresentar a trajetória das crenças religiosas desse povo desde época da fundação do Japão e até hoje existentes, considerando os imigrantes que chegaram ao Brasil, enquanto religiões arraigadas à própria cultura nipônica.

Na segunda parte abordaremos a forma pela qual a comunidade de imigrantes japoneses trata a morte, principalmente nas cerimônias fúnebres, num ato de rememoração do passado através de suas lembranças.

2 I A TRAJETÓRIA DAS CRENÇAS RELIGIOSAS DO POVO JAPONÊS

A história mitológica do Japão, como a dos gregos, partia da crença da existência de vários deuses que influenciavam a vida do cotidiano. Essa prática religiosa politeísta passou a ser conhecido como xintoísmo, originário do povo japonês. O próprio surgimento do país foi atribuído aos deuses, principalmente antes do término da Segunda Guerra Mundial e era ensinado em livros escolares de história.

Em relação aos templos xintoístas representativos do Japão, inclui-se o grande Templo de Izumo, em Shimane, construído em 970 EC, em homenagem a O-kuninushi-no-mikoto, que ofereceu suas terras para o povo do Yamato, a antiga denominação do Japão. (MIYAZAWA, 1991, p. 146). Tanto o templo de Izumo como o templo de Ise, da província de Mie, construído no ano de 897 EC (ISHIZUKA, 1991, p. 145) são muito significantes para o povo japonês como símbolos do início da formação do seu povo.

Um templo mais recente é o 明治神宮 (*Meiji Jingu* – Templo Meiji), construído em 1920 após o falecimento do Imperador Meiji e de sua imperatriz, para cultuar suas almas deificadas. De acordo com Ochiai, mais de cem mil jovens voluntários trabalharam na sua construção, vindo de todos os cantos do arquipélago (OCHIAI, 1991, p. 1896). Em relação ao território espacial, considerando a formação do povo japonês ser de origem agrícola, esses espíritos estão fortemente arraigados às terras. Assim:

Percebe-se que há uma ligação profunda dos deuses japoneses com a delimitação territorial da comunidade enquanto que o budismo e outras religiões posteriormente criadas ou introduzidas ao Japão não apresentam o vínculo ao local específico” (GAUDIOSO; SOARES, 2010, p. 140).

Portanto, em todo o Japão existem inúmeros templos xintoístas, tanto quanto se exista uma comunidade.

Em relação ao budismo, há teoria que essa religião chegou ao Japão no ano 538 EC. No fim do século VI, já se difundia por todo o Japão apesar de criar

ambiente de hostilidade com o xintoísmo, se sincretizando com as religiões pagãs locais (GORAI, 1984, p. 557). No período Heian (794-1185), a exemplo da seita Shingon, o budismo foi praticado inicialmente para afugentar maus espíritos e fazer exorcismo – o que caiu no gosto dos aristocratas.

Por outro lado, o budismo passou a ser praticado de forma fervorosa entre o povo como forma de salvar as almas após a morte. Assim, é comum encontrar no Japão templos xintoístas e templos budistas num mesmo terreno. A maioria dos moradores, até os dias de hoje, compartilham cerimônias religiosas de duas religiões conforme celebrações ou festas se realizam, seguindo a tradição da comunidade local.

Gaudioso (2010) menciona que o “relacionamento sincrético entre xintoísmo e o budismo não ocorre de acordo com o conceito do sincretismo religioso introduzido por Herskovitz em 1941. Isto é, não ocorre uma junção “no sentido objetivo ou neutro para designar a reinterpretação de culturas religiosas” (GAUDIOSO; SOARES, 2010, p. 140; GAUDIOSO, 2019) e, sendo assim, os japoneses cultuam duas religiões ao mesmo tempo.

Os japoneses, após a morte, passam a pertencerem ao rol dos “antepassados”, isto é, alguém digno de ser cultuado e com incumbência de “proteger” seus descendentes ou a comunidade na forma de deidade. De acordo com Cardoso (1995), o “culto aos antepassados reforça a estrutura familiar”. Por decorrência disso, “as ligações das comunidades com os templos ocorriam compulsoriamente há gerações, fazendo que o budismo também fosse uma religião por ‘tradição’” (CARDOSO, 1995).

A concepção do xintoísmo foi fortalecida no Japão antes da Segunda Guerra Mundial como esforço por parte do governo para “divinizar” a figura do Imperador. Assim, “durante o período Meiji (1868-1912) e o período Taishô (1912-1926) foi época em que o governo japonês se empenhou em firmar a imagem do imperador como ser divino único que o povo devia proteger” (GAUDIOSO, 2019), mesmo que o Imperador nada promettesse ao povo além da benevolência. Então, não era esperado do Imperador, alguma dádiva ou salvação.

Assim,

Desde época que surgiu a figura do imperador no Japão, este é que possui obrigação de realizar os cultos imperiais, desde dia primeiro do ano, pedindo aos deuses da produção agrícola a boa safra, tempo propício a todos e afastamento de desastres naturais e harmonia na sociedade. [...] Embora maioria dos historiadores afirmarem que o imperador Meiji tenha sido um líder imperialista visando expansão territorial dominadora, a maioria dos atos governamentais do Japão daquela época foi executada pelos membros da oligarquia da época e mais os nacionalistas, em nome do imperador. (GAUDIOSO, 2019).

Em relação ao cristianismo, este foi introduzido ao Japão com a chegada de portugueses em 1549. Com a difusão da nova religião vinda da Europa, através de jesuítas, muitos japoneses se converteram ao catolicismo, tanto é que vinte japoneses foram beatificados como santos no dia 8 de junho de 1862, junto com mais cinco espanhóis e um português pelo Papa Pio IX¹.

Quando iniciou o movimento emigratório dos japoneses aos países estrangeiros, o departamento de migração do governo japonês pouco se importou se manteriam a religião original, provavelmente estavam mais preocupados se esses emigrados teriam boa aceitação no país de destino e na comunidade onde seria inserida.

Depois da Segunda Guerra Mundial, surgem no Japão várias religiões baseadas no xintoísmo e no budismo – e até mesmo no cristianismo –, mudando o cenário religioso tradicional. Algumas novas religiões como Seicho-no-Ie, Igreja Messiânica, Tenrikyô², PerfectLiberty, SokaGakkai, Reiyu-kai e Mahikari passam a atuar de forma significativa no Japão.

A liberdade religiosa proporciona o surgimento de um sem número de novas religiões, visto que a liberdade religiosa passou a ser garantida pela própria constituição, principalmente por desvincular a figura do chefe de Estado da religião, crença de mais de um milênio de história. (GAUDIOSO; SOARES, 2010, p. 141).

A prática religiosa concomitante de duas religiões completamente diferentes é comum entre os japoneses, de modo que uma crença não exclui a outra e sem que haja sincretismo entre as religiões.

E, sendo assim, um indivíduo pode receber a bênção aos sete dias do nascimento e aos três, cinco e sete anos de vida à moda **xintoísta**, casar na igreja **católica**, celebrar 60 anos de idade à moda chinesa, morrer e ter funeral à moda budista e depois, seu espírito ser cultuado no altar **budista** ou **xintoísta** e assim por diante. (GAUDIOSO, 2019, grifo nosso).

Em relação às datas festivas no percurso de um ano, há vários eventos que reportam a religiosidade, como a celebração da chegada do deus do ano em janeiro, o exorcismo em fevereiro, a celebração da Páscoa, festivais locais de plantio em junho e de colheita em outubro em diversas regiões do Japão. O Dia de Finados budista é celebrado em julho ou agosto no Japão e, se for entre os imigrantes brasileiros, o dia dos finados de novembro também é lembrado, sendo católicos ou não.

1 CATHOLIC Bishops' Conference of Japan. Tóquio, s.d. Disponível em: <<https://www.cbj.catholic.jp/catholic/saintbeato/26saints/>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

2 Tenrikyô é uma religião de cunho xintoísta fundada por Nakayama Miki em 1838. (TENRIKYÔ, 2019).

3 I A RELIGIÃO ENTRE OS IMIGRANTES JAPONESES NO BRASIL

Uma das manifestações culturais que acompanha um povo é a crença religiosa. Assim, quando a imigração japonesa oficial ao Brasil iniciou em 1908, a questão religiosa também refletiu nos comportamentos dos imigrantes e no perfil das famílias e dos indivíduos.

No caso dos japoneses que emigraram no Brasil na primeira metade do século XX, para aqueles que suas raízes permaneciam no Japão, não tinha sentido de construir um templo, pois estaria vazio de espírito ou do próprio deus que, em tempos difíceis, se pudesse pedir ajuda. A vinda de famílias e indivíduos não-primogênitos, por não serem comprometidos com a guarda de ancestrais, também não contribuiu para construção de templos xintoístas ou budistas.

Nos primórdios da imigração japonesa no Brasil, como afirma Tomoo Handa (1981), quando alguém falecia, fazia-se uma pequena homenagem, reservando um canto da casa para dar oferenda a alma do falecido.

[...] enquanto uma vida espiritual a consciência de pertencer a etnia (japonesa) ou o nacionalismo (japonês) sobrepunha ao “budismo e xintoísmo” e sustentava a espiritualidade dos imigrantes [...] e assim, mesmo vindo ao Brasil, nem “sentia” a repressão religiosa dos católicos [...]. Entrando na fazenda, não havia praticamente nenhum evento religioso. [...] Os familiares do falecido voltavam para casa, construíam uma pequena prateleira, colocando em cima a fotografia do falecido, davam de oferenda as flores do campo e acendiam o incenso. Quando não se tinha incenso, acendiam uma vela (HANDA, 1981, p. 711-712, tradução nossa).

Poucas são as informações que se tem de cemitérios e templos sobre os primeiros imigrantes vindos para o Brasil. Segundo Gaudioso (2019), “a única informação que se tem a respeito da construção de um templo xintoísta é a de 1920, na Colônia Itacolomi, no município de Promissão, São Paulo, povoado pelos japoneses e italianos em 1917”. Conforme Handa (1981), a revista *Nogyo no Burajiru*, de setembro de 1928, ao publicar edição especial comemorativa de dez anos de chegada dos imigrantes a Promissão, aponta a existência de um santuário xintoísta chamado *BugureJinjya*, ou seja, Santuário Bugre, tendo como divindade a ser cultuada o espírito do bugre enterrado no local, portanto, um deus não-japonês.

A construção de um espaço para adoração do espírito de um não-japonês talvez tenha sido uma forma de manifestação de imigrantes que procuravam uma referência onde pediriam a proteção contra os males do dia a dia e também um espaço para praticar a religiosidade desses imigrantes.

Já que os japoneses cultuam com rigor os antepassados, sentiram pena em deixar a cova abandonada e tomada pelo matagal e, tomando uma gamela e duas taças como símbolo da divindade,

'construíram' pequeno *hokora*, e resolveram fazer o culto no dia cinco de maio, todos os anos. Provavelmente foi a primeira vez que foi construído o *torii*³ no Brasil. Isso foi há oito anos atrás (1920). Quando o sacerdote UmewakamaruDoi terminou de ler a oração em voz alta, o *sumô* sagrado chegou ao auge. (NOGYO apud HANDA, 1981, p. 712-713, tradução nossa).

O dia cinco de maio, data que os imigrantes japoneses estabeleceram para cultuar o espírito do bugre, coincide curiosamente com a data festiva de Omishimacho, atual município de Imabari, localizado na província de Ehime. Naquela comunidade, faz-se uma festa nesta data pedindo boa safra no arroz e agradecem as dádivas concedidas pelo deus do santuário de Oyamazumi⁴.

O livro comemorativo de oitenta anos da imigração japonesa no Brasil, editado em 1988, quarenta e três anos após a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial, menciona que os imigrantes e descendentes vindos antes da Guerra passaram a sentir ao mesmo tempo que perderam a terra natal e tomaram o país receptor como moradia definitiva (IMIN..., 1991, p. 419-431). A entrada de religiões japonesas no Brasil coincide com a retomada de imigração japonesa para o Brasil, no início da década de 1950, quando várias seitas passam a realizar um movimento de difusão de seus ensinamentos.

As celebrações religiosas budistas paralelamente às cerimônias religiosas cristãs passaram a aumentar significativamente após a Segunda Guerra Mundial, sendo que várias seitas religiosas de origem japonesa, chamadas “novas religiões”, iniciam a pregar seus preceitos. A entrada dos imigrantes japoneses no Rio Grande do Sul inicia-se exatamente nesse período de pós-Segunda Guerra, a partir de 1956, com a chegada dos primeiros 23 solteiros e, depois, de outras famílias japonesas para se instalarem no estado, na área de agricultura (SANTOS; DOLL; GAUDIOSO, 2003, p. 55).

Algumas famílias que vieram diretamente do Japão trouxeram consigo o *ihai*, com nome da família fixada a ele para cultuar seus antepassados com o intuito de permanecer no Brasil e criar uma nova linhagem. Com o passar do tempo, a morte passou a acompanhar esses imigrantes, assim como o nascimento e o casamento, exigindo dos envolvidos no processo da vida e da morte uma rememoração do passado, dos rituais japoneses a elas relacionadas.

Numa reportagem da Folha de Londrina, de 29 de março de 2013, padre Lino Stahl⁵, que foi encarregado de difundir o catolicismo no Japão em 1949, enquanto

3 *Torii*: é um portal geralmente feito de madeira pintada de vermelho ou de cor crua, construído ao longo da entrada do templo xintoísta ou na entrada de um oráculo.

4 No santuário de Oyamazumi, realiza-se a cerimônia de boa colheita de arroz no dia cinco de maio e no dia nove de setembro. Nessas datas, durante a celebração, um indivíduo representando a comunidade entra em luta corporal contra a divindade imaginária em forma de luta de *sumô*. Para os espectadores, o lutador se move sozinho, até parecendo uma mímica. (EHIME, 2010).

5 Padre Lino Stahl nasceu no município de Nova Petrópolis (RS) e passou a maior parte da infância em Santa

noviço, comenta: “Com o discurso do imperador japonês no final da guerra admitindo que não era uma divindade, o xintoísmo tinha perdido muita influência e o budismo era uma religião mais pessoal e não era tão ativa na busca por fiéis” (STAHL, 2013 apud OGAWA, 2013).

Em relação ao cristianismo entre os imigrantes, o apadrinhamento passa a ser realizado entre familiares japonesas após a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, essa conversão não era motivada pela fé, mas principalmente com objetivo de obter vantagens sociais e econômicas.

Numa reunião informal, ao ser indagada por arranjar os padrinhos e madrinhas, católicos e brasileiros, uma senhora, mãe de cinco filhos e esposa de reverendo da seta Tenrikyô, justificou seus atos:

Pois é, nós somos muito pobres e não temos quase nada. Eu preciso dar comida aos filhos. Se não for assim, fica difícil de mantermo-nos. A madrinha traz presentes, faz festa de aniversário e sempre dá atenção para os afilhados. E muito bom. Assim eu posso pregar minha religião e meu marido também. (Depoimento de Y. M., 1992)⁶.

Esse mesmo casal de religiosos reúne fiéis nas datas comemorativas cristãs como São João e Natal para celebrar e, segundo a senhora. Percebe-se, aqui, uma apropriação do evento religioso pelos japoneses, sendo que os eventos como Natal e Páscoa passam a tomar posições importantes para práticas religiosas e principalmente a reunião das famílias, ao lado do Ano Novo e *Obon*⁷, dia correspondente ao Dia dos Finados cristão.

As datas religiosas japonesas e brasileiras, budistas, xintoístas e cristãs são celebradas entre os imigrantes japoneses sem que cause alguma estranheza. Segundo o livro comemorativo de 80 anos de imigração japonesa no Brasil, as celebrações são distinguidas na comunidade conforme o local de realização (IMIN..., 1991). Se são oficiais, elas são realizadas segundo a religião católica. Nos eventos sociais e do cotidiano, as celebrações são de cunho cristão e budista e, para solução

Catarina. Desde criança quis ser padre e, como jesuíta, atuou em diversos países. Foi professor de língua japonesa em colégio católico e na Universidade de Sofia, no Japão. No Rio Grande do Sul, atuou no auxílio aos imigrantes japoneses e no ensino da língua japonesa a filhos de imigrantes dentro da comunidade junto a associações locais japonesas.

6 Depoimento informal fornecido por Y.M., em Porto Alegre, em maio de 1992.

7 *Obon* ou *Bon*: é o período em que a alma do falecido é consolado. Esta festa religiosa surgiu por sincretismo entre a crença religiosa aos antepassados e o budismo. É um período em que os familiares compartilham comida e festas com os falecidos recentes e antepassados. A celebração ocorre por três dias durante o verão, nos dias 13 a 15 de agosto. No primeiro dia, os familiares buscam a alma do falecido no cemitério, através de *mukaebi*, a chama de recepção da alma após a morte, acendendo uma vela ou um pequeno fogaréu no altar ou na porta da casa indicando a alma o caminho para a casa. No segundo dia, a alma é tratada como se vivo fosse e, no terceiro dia, acende-se novamente a vela ou fogaréu, chamado *okuribi*, para que a alma possa retornar ao cemitério e ao mundo dos mortos. Essas práticas muitas vezes são substituídas por queima de fogos nos templos budistas, de forma coletiva. No Brasil, essa prática ocorreu em forma de *tooronagashi*, lançando lanternas flutuantes no espelho das águas do rio Ribeira de Iguape, no município de Registro, em 1955, em homenagem a um homem que se afogou naquele ano, no dia dois de novembro, dia dos finados brasileiro.

de problemas do cotidiano, a sociedade de migrantes japoneses recorrem às novas religiões (IMIN..., 1991, p. 445).

4 I A MORTE E OS IMIGRANTES JAPONESES DO RIO GRANDE DO SUL

A religiosidade e religião dos imigrantes japoneses foram trazidas ao Rio Grande do Sul e estão sendo praticadas tanto em nível de família como das comunidades japonesas. Essas práticas, à primeira vista independentes, possuem relacionamento complexo, de modo que reproduz a própria relação social japonesa, que extrapola a prática da religiosidade. Mais do que isso, a morte traz para a comunidade uma oportunidade de realimentar o saber fazer na morte e na rememoração do passado, de fortalecer a própria identidade cultural e de se identificar etnicamente como um japonês.

No caso da prática religiosa japonesa que simboliza o rito de passagem dos mortos para outro mundo, este envolve atos peculiares bastante diferentes do cristianismo. Assim, é importante observar a prática desse rito dentro da comunidade japonesa para identificar seu papel na preservação do saber-fazer dentro da cultura religiosa japonesa e na preservação da memória como elemento unificador da própria comunidade.

Como a imigração japonesa no Rio Grande do Sul ocorreu depois da Segunda Guerra Mundial, na sua maioria com intuito de permanecer no Brasil, os indivíduos de primeira geração que falecessem se tornariam os primeiros ancestrais fundadores de gerações seguintes, os brasileiros *nikkeis*⁸. Entre os imigrantes, alguns trouxeram consigo a ossada dos filhos falecidos, como a família do Sr. H.; e outra, a família K., que trouxe o *oiha*⁹ de seus pais para poder cultuar seus espíritos.

Em relação aos túmulos, não se tem o cemitério criado ou destinado aos japoneses. A comunidade japonesa atual não tem monge budista japonês, de modo que, quando alguém falece, seus corpos são enterrados nos cemitérios da comunidade local existentes nas cidades¹⁰. Da mesma forma, como não há templo budista de seita familiar aos japoneses no estado, como a JôdoShinshuHonpaHongwanji¹¹, os japoneses não frequentam ambientes religiosos budistas tradicionais.

No caso da ocorrência de falecimento na comunidade japonesa do Rio 8 Nikkei: termo utilizado para indicar uma pessoa que pertence a etnia japonesa ou que tenha uma consanguinidade com o japonês.

9 *Oihaié* uma tábua da família com formato de uma Sotoba, um tipo específico de tabuleta de madeira, onde está inscrito o nome budista do falecido. No Japão, quando alguém falece, solicita ao monge dar ao falecido um nome *post mortem* registrá-lo no *oihai* e, tradicionalmente, ao cônjuge sobrevivente, se atribui igualmente o nome, registrando-o em tinta vermelha, no verso desta mesma tábua.

10 Na Colônia de Japonesa de Itapuã, próxima à Porto Alegre, havia um senhor que se tornou monge budista. Ele realizava os cultos religiosos na colônia e atendia também a Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul nas celebrações de culto aos antepassados, abertas ao público em geral, que ocorriam em agosto.

11 A maioria dos templos se localiza no estado de São Paulo e Paraná, onde há maior concentração de imigrantes japoneses e *nikkeis* (JODO, 2009).

Grande do Sul, o rito do funeral, próprio da cultura japonesa, envolve a todos, além da própria família do morto. Quando alguém falece, toda a comunidade se envolve como forma de auxílio ao necessitado – no caso, mais o auxílio econômico do que somente o consolo aos familiares. O sistema japonês de convivência em grupo acabou adotando uma forma muito prática e eficaz de arrecadar fundos e, assim, auxiliar no pagamento de gastos.

De acordo com Gaudioso (2019), quando alguém da comunidade japonesa falece, é importante nomear alguém para receber o dinheiro dos que comparecem ao velório ou enterro, pois, mesmo na capela onde o corpo é velado conforme costume cristão, os rituais japoneses são praticados, com entrega de envelope de dinheiro destinado aos familiares do morto.

Na cultura japonesa, quando alguém falece, a primeira providência que se toma é nomear uma pessoa para dirigir o funeral, como velório e enterro, geralmente o filho mais velho ou o cônjuge do falecido. Em seguida, uma pessoa de confiança da família é indicada para receber durante o velório, a oferenda em dinheiro, devidamente acondicionado num envelope e, se for muito, nomear mais uma pessoa para fazer a contabilidade (GAUDIOSO, 2019).

Monta-se uma mesa indicando “recepção” na entrada da capela onde o corpo está sendo velado e atrás senta-se uma pessoa encarregada de receber o dinheiro e anotar os nomes das pessoas que o entregam. Assim, os parentes, amigos ou alguma pessoa relacionada ao morto, trazem um envelope identificando seu nome e o valor e um montante em dinheiro, que é entregue a esse encarregado para posterior contabilidade. Enquanto isso, outras pessoas são encarregadas de servir chás e alguma comida para os que vêm ao velório até o traslado do corpo para enterro ou cremação. Encerrados os rituais com o corpo, juntam-se todo o valor recebido como oferenda e destina-se o dinheiro para pagar parte das despesas decorrentes do falecimento.

As famílias japonesas são beneficiadas pela própria comunidade com esta prática cultural tradicional, tendo uma parte das despesas de enterro coberta com esta doação chamada *koden*, aliviando os gastos do funeral. Essa prática também fortalece o sentimento de pertencimento e os laços que unem cada um dos indivíduos daquela comunidade como japônês ou descendente do mesmo.

Numa ocasião, no funeral da senhora Ayako – uma imigrante de primeira geração que faleceu em 1999 –, uma nissei¹², ao entregar um envelope para o mesário, disse: “ah, eu trouxe dinheiro num envelope branco. E assim que os japoneses fazem, né. Eu não sei muita coisa mas acho que é assim mesmo”¹³. Referia-se ao *koden* que ela trazia e que tinha conhecimento que era assim que

12 Filho de pais japoneses (segunda geração).

13 Informação dada por K.N.K. naquele funeral, em Porto Alegre, em 1999.

ocorria o funeral entre os japoneses e, como descendente de japoneses, tinha tal informação.

A crença religiosa das pessoas que entregam esse tipo de oferenda em dinheiro também é diversa, inclusive católica, o que pode gerar a interpretação dessa atitude mais como atitude moral do que religiosa. Depois de encerrado o funeral, uma parte do valor de *koden* é devolvida à comunidade em forma de retribuição. O valor e a forma dependem da condição econômica da família do morto, sendo que, no Japão, é estabelecido um valor correspondente à metade da quantia recebida¹⁴.

Observa-se que a maioria das famílias das comunidades residentes no Rio Grande do Sul prefere fazer uma retribuição à comunidade em forma de doação para associação japonesa representativa da região, a Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul¹⁵ (Enkyô). De forma indireta, a associação se beneficia também da doação de dinheiro arrecadada como *koden*, sendo parte dessa quantia contabilizada na manutenção da entidade como renda.

A prática desta doação é muito comum entre os japoneses, sobretudo se o falecido for membro da associação. Segundo M.B.M., funcionária da associação, “geralmente as pessoas fazem depósito de *kodengaeshi*¹⁶. Quando não faz, acho que a família não tem condição financeira para fazer a doação” (depoimento de M.B.M., s.d.).

Em relação aos cultos coletivos, em nível de comunidade, as associações regionais realizam celebrações para cultuar os falecidos no mês de agosto, como no Japão. As datas, porém, não são coincidentes em todas as comunidades japonesas. O maior culto ecumênico ocorre nas dependências da Enkyô em agosto, contemplando três principais religiões: o budismo, o catolicismo e o protestantismo – independentemente de ramificação de seitas. No evento, denominado *Sembotsusha Ireisai*¹⁷, isto é, “celebração em homenagem e consolo à alma dos falecidos”, a comunidade se reúne para homenagear de forma pública a alma dos falecidos.

As pessoas que comparecem a esse culto ecumênico, independentemente da crença que seguem, normalmente participam nas cerimônias das três religiões budismo, católico e o protestante. Realiza-se queima de incenso, cada presente coloca num incensário o pó que queima na brasa, inclusive o padre e o pastor, ¹⁴ No Japão, há inúmeros livros e sites que explicam as formalidades da conduta que as pessoas devem seguir nos casamentos e nos funerais, inclusive as orientações sobre o valor de dinheiro que devem colocar no envelope, o modo de fechá-lo, amarrá-lo e identificá-lo. Na comunidade de imigrantes japoneses, mesmo que a rigorosidade não seja cobrada, a não contribuição da oferenda não é bem-vista.

¹⁵ A Associação de Assistência Nipo e Brasileira do Sul possui caráter federativa de associações japoneses regionais dos estados do RS e SC.

¹⁶ *Kodengaeshi* é o dinheiro ou objeto com que o familiar do falecido retribui as pessoas que trouxeram o *koden* – dinheiro que é levado no funeral a título de despesas de aquisição incenso ou ramo de flores em oferenda.

¹⁷ No Japão, no dia 15 de agosto realiza-se um grande evento de mesmo nome em homenagem aos combatentes mortos na Segunda Guerra Mundial. Porém, aquele se escreve com ideograma a palavra “mortos em guerra”, e este “os que morreram antes de nós”, homófonos.

simbolizando a conexão com a alma do falecido.

No rito religioso em questão, sobretudo no ritual celebrado por monge budista, entoam-se sutras, uma oração budista, falado em sânscrito [...] as pessoas que comparecem a essa celebração sentem-se que oraram conforme a tradição quando participam do ritual com entoação de tais sutras, identificando-se com a alma que está sendo homenageada, guardada em sua memória. (GAUDIOSO, 2019, p. 9).

Conforme Gaudioso e Soares (2019), os japoneses têm procurado o monge budista para celebração religiosa no evento mais importante da comunidade sem se preocupar à primeira vista com a seita ou a linhagem a que esse monge pertencia.

[...] na ocasião de atos fúnebres ou na cerimônia de celebração aos falecidos, os japoneses budistas solicitavam a entonação de sutras ao monge SukyoMaeda, um nissei ordenado monge em São Paulo e residente no Rio Grande do Sul quando era realizada homenagem aos mortos. (GAUDIOSO e SOARES, 2019, p. 163)

Outras duas religiões também têm sido celebradas em língua japonesa, sendo que a missa católica era celebrada pelo padre jesuíta Lino Stahl, de origem alemã e que convive entre os imigrantes japoneses do estado do Rio Grande do Sul, desde a década de 1970¹⁸. Atualmente, devido à sua idade avançada e por residir em Londrina, a missa ecumênica coletiva da Enkyô é celebrada por outro pároco, residente em Porto Alegre e que é de origem japonesa. Quanto ao pastor, este é um japonês e os sermões são realizados em duas línguas, isto é, em japonês e português.

Após a cerimônia formal, o mesmo espaço serve como lugar de encontro e de reencontro com os amigos e parentes vivos, com um almoço. De alguma forma, o tempo passado é rememorado no período da manhã, num ambiente formal e silencioso, enquanto que, no período do almoço, a alegria do convívio presente é retomada. O local do passado passa para os participantes se sentirem parte da mesma comunidade do presente.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O povo do arquipélago japonês, desde formação do Japão manteve sua crença religiosa baseada no politeísmo. Quando os japoneses imigraram para o Brasil, suas crenças religiosas acompanharam-nos, de modo que os cultos religiosos da terra natal também passaram a serem praticados no país de destino.

18 O Pe. Lino Stahl, desde que chegou no estado do Rio Grande do Sul, prestou assistência aos japoneses. Pela dedicação aos imigrantes japoneses, foi condecorado com a Medalha de Honra Imperial (Zuihōsho – Ordem do Tesouro da Felicidade Sagrada), pelo Imperador Showa, em 29 de abril de 1978, como parte do evento da corte para comemorar 70 anos da imigração japonesa no Brasil (ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA À COLÔNIA JAPONESA DO SUL DO BRASIL, 1978, p. 4).

No Rio Grande do Sul, o saber fazer da cultura religiosa do Japão tanto ao nível de família como o da comunidade. A própria funeral vira um palco para os membros mais destacados da comunidade tomar posições importantes na condução do funeral, reproduzindo o saber fazer do culto religioso.

Por outro lado, pelo sistema de oferenda de valores à família do morto na ocasião do funeral e retribuição do mesmo em forma de doação à associação japonesa local, ocorre uma circulação econômica na comunidade e que, como resultado, ajuda na manutenção da sua instituição representativa. Por sua vez, essas associações de imigrantes japoneses realizam anualmente um evento religioso aberta à comunidade para rememorar os antepassados, de modo que fazem lembrar a origem nipônica dos participantes. Em relação a celebrações e comemorações que não se relacionam à morte, estas não foram abordadas aqui, de modo que deixamos incentivo para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA À COLÔNIA JAPONESA DO SUL DO BRASIL (Enkyô). **Enkyonews**. Porto Alegre: ASSOCIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA À COLÔNIA JAPONESA DO SUL DO BRASIL, 15 maio 1978.

CARDOSO, Ruth Corrêa leite. **Estrutura familiar e mobilidade social**: estudo dos japoneses no estado de São Paulo. Tradução de MasatoNinomiya. São Paulo: Primus, 1995.

CATHOLIC Bishops' Conference of Japan. Tóquio: s.d. Disponível em: <<https://www.cbcj.catholic.jp/catholic/saintbeato/26saints/>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

EHIME. **Ine no seireitohitori sumô**. Ehimeden, 13 jun. 2010. Disponível em: <<https://makild.exblog.jp/12794840/>>. Acesso em: 8 maio 2019.

GAUDIOSO, Tomoko Kimura. A morte na comunidade japonesa do Rio Grande do Sul: espaço de integração social e de memória. In: REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL, 13., 2019, Porto Alegre. **Tópico temático...** Porto Alegre: RAM, 2019. Disponível em: <<https://www.ram2019.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmF0cyI7czo0NDoiYT oxOntzOjEwOiJRRF9BUiFVSZPljtzOjM6IjYyNCI7fS I7czo0OiJoljtzOjMyOjI2Y2U5MzY4Yjc0NTZjYjBmZGRmZTgxNzI1ZTlmNDJkZCI7fQ%3D%3D>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

_____. A trajetória da imigração japonesa no Rio Grande do Sul e a política de reconstrução do Japão após Segunda Guerra Mundial. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RS, 13., 2016, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul: ANPUH-RS, 2016. Disponível em: <http://www.eeh2016.anpuh-rs.org.br/resources/anais/46/1469449125_ARQUIVO_ANPUH_RS2016TomokoKimuraGaudioso.pdf>. Acesso em: 8 maio 2019.

GAUDIOSO, Tomoko Kimura; SOARES, André Luis Ramos. Entre o butsudan e a missa: práticas religiosa de imigrantes japoneses no Rio Grande do Sul, Brasil. **Amérique Latine Historie et Memorie**, Paris, n. 20, 2010.

_____. Religião e religiosidade entre os imigrantes japoneses no Rio Grande do Sul: diálogos culturais entre Brasil e Japão. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOTER, 29., 2016, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: PUC Minas, 2016. p. 1298-1304. Disponível em: <<http://www.soter.org.br/anais/29.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

GORAI, Shigueru. Bukkyô. In: OSHIMA, Takehiko et al. **Nihon woshirujiten**. Tóquio: Shakai shiso-sha, 1984.

HANDA, Tomoo. **Imin no seikatsu no rekishi**: Burajirunikkeijin no ayundamichi. São Paulo: Centro de Estudos Nipo Brasileiro, 1981.

IMIN 80nen shihensaniinkai (Org.). **Burajiru Nihon imin 80nen shi**. São Paulo: BurajiruNihonBunkaKyokai, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Promissão**, s/d. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/saopaulo/promissao.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2019.

ISHIZUKA, Takatoshi. Izumoshinkô. In: YAMAORI, Tetsuo (Org.). **Sekaishukyôdaijiten**. Tóquio: Heibon-sha, 1991.

JAPÃO. Declaração Imperial nº 170, de 4 de abril de 1871. **Código de leis**, Poder Imperial, Tóquio, 4 abr. 1871. Disponível em: <https://www.digital.archives.go.jp/DAS/meta/listPhoto?BID=F0000000000000000204&ID=&LANG=default&GID=&NO=&TYPE=JPEG&DL_TYPE=pdf&CN=1>. Acesso em: 14 out. 2019.

JODO ShinshuHongwanji-ha Centro Internacional de Hongwanji. **América do Sul**, Quioto, 2009. Disponível em: <<http://international.hongwanji.or.jp/pt/html/c2p5.html>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

GONOI, Takashi. Kirishitankinsei. In: YAMAORI, Tetsuo (Org.). **Sekaishukyôdaijiten**. Tóquio: Heibon-sha, 1991.

MIYAZAWA, Satoshi. Isejingu. In: _____. _____. Tóquio: Heibon-sha, 1991.

OCHIAI, Hidekuni. Meijjingu. In: _____. _____. Tóquio: Heibon-sha, 1991.

OGAWA, Vitor. **Uma vida de dedicação e de amor ao próximo**. Folha Cidades. Londrina: Folha de Londrina, 29 mar. 2013.

SANTOS, Geraldine Alves; DOLL, Johannes; GAUDIOSO, Tomoko Kimura. A integração cultural do japonês na cultura brasileira: a experiência da Colônia de Ivoti. **Cadernos de Pós-Graduação em Direito**, Porto Alegre, v.1, n. 3, nov. 2003.

TENRIKYÔ. **Kyosonitsuite – Sobre o fundador**. Tenri: Tenrikyô, 2019. Disponível em: <https://www.tenrikyo.or.jp/jpn/about_guru/>. Acesso em: 14 out. 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bíblia Hebraica 54, 55, 56, 57, 58, 59

C

Confessionalidade 90

Congar 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

E

Eclesiologia 102, 103, 104, 105, 106, 108

G

Gênero 1, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 18, 27, 63, 64, 65, 123, 132, 135

H

Habermas 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118

I

Identidade negra 13, 16, 17, 26

L

Literatura infantil 13, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 27

M

Medellin 102, 106, 107, 108

Morte 28, 29, 30, 33, 34, 35, 39, 86, 109, 110, 122, 125, 127, 130

Mulher 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 22, 63, 64, 65, 66, 67, 70, 73, 74, 75

N

Narrativas bíblicas 54, 55, 56, 58, 60

P

Paradigmas 6, 90, 93, 99

Peregrinos 63

Preservação 35, 41, 42, 51, 52, 53

R

Racismo 13, 14, 15, 16, 17, 19, 23, 24, 25, 26, 27

Relações raciais 13, 15, 26, 27

Religião 2, 3, 8, 10, 12, 21, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 40, 41, 45, 48, 78, 81, 83, 84, 86, 88, 89, 97, 109, 110, 111, 112, 113, 118, 127, 135

Restauração 41, 52, 54, 59, 79

S

Santos 16, 19, 21, 31, 33, 40, 63, 66, 67, 68, 69, 73, 91, 104

T

Tempos líquidos 119, 128, 129, 130, 134

Teologia 2, 5, 61, 76, 77, 78, 84, 88, 90, 91, 92, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 111, 112, 121, 133, 135

Tolerância 109

X

Xintoísmo 28, 29, 30, 31, 32, 34

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Teologia e Ciência da Religião: Agenda para Discussão 2